



**DACEC** Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 20/11/2020 a 26/11/2020

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
20/11/2020	11,81	394,70	38,66	5,93	4,23
23/11/2020	11,91	394,90	38,55	5,98	4,26
24/11/2020	11,91	398,30	38,06	6,11	4,25
25/11/2020	11,84	396,90	38,18	5,88	4,20
26/11/2020	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
<b>Média</b>	11,87	396,20	38,36	5,97	4,23

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		Média*
RS – Panambi		145,00
RS – Não Me Toque		145,00
RS – Londrina		148,00
PR – Cascavel		149,00
MT – C.N.Parecis		164,00
MS – Maracaju	CIF	155,00
GO - Rio Verde		155,00
BA – L.E.Magalhães		160,00
MILHO(**)		
Porto de Santos		85,00
Porto de Paranaguá		76,00
Porto de Rio Grande		S/C
RS – Panambi		80,00
SC – Rio do Sul		76,00
PR – Cascavel		69,00
PR – Londrina		70,00
MT – C.N.Parecis		68,00
MS – Maracaju		68,00
SP – Itapetininga		80,00
SP – Campinas	CIF	82,00
GO – Rio Verde		66,00
GO – Jataí		66,00
TRIGO (**)		
RS – Panambi		70,00
RS – Não Me Toque		70,00
PR – Londrina		74,00
PR – Cascavel		76,00

Período: 25/11/2020

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 26/11/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	79,90	153,41	73,31

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
26/11/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	102,13
Feijão (saco 60 Kg)	239,00
Sorgo (saco 60 Kg)	58,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,76
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,08**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,46

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Outubro/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago não conseguiram romper o teto dos US\$ 12,00/bushel nesta semana, sendo que o primeiro mês cotado alcançou US\$ 11,91 em dois dias da mesma. Posteriormente, o fechamento da quarta-feira (25) recuou para US\$ 11,84/bushel, contra US\$ 11,77 uma semana antes. Lembrando que nesta quinta-feira (26) é feriado nos EUA (Dia de Ação de Graças), não havendo operação na Bolsa de Chicago.

Enquanto o clima continua preocupando na Argentina e no sul do Brasil, a comercialização antecipada da soja, particularmente entre os produtores brasileiros, continua avançando. O mercado estima que em janeiro, na chamada boca da colheita, o país tenha cerca de 70% da safra vendida.

Dito isso, vale destacar que as chuvas retornaram no sul do Brasil e parte da Argentina, devendo auxiliar na recuperação do plantio, que está bastante atrasado. No Rio Grande do Sul, por exemplo, o mesmo chegava a apenas 35% da área esperada no dia 19/11.

À esta realidade climática soma-se a preocupação com os estoques mundiais de soja. O mercado questiona o que foi anunciado pelo USDA em seu último relatório, no dia 10/11, considerando que das 88 milhões de toneladas ali indicadas, efetivamente existam apenas 14 milhões realmente disponíveis em estoque. Esta seria uma das causas da forte reação das cotações em Chicago nos últimos três meses, associada a contínua demanda chinesa. Além disso, o consumo diário mundial de soja estaria superior a um milhão de toneladas por dia neste ano, enquanto a China vem triturando mais de dois milhões de toneladas por semana.

No caso da China, suas importações de soja em outubro chegaram a 8,69 milhões de toneladas, volume 41% superior ao comprado no mesmo mês do ano passado. Em todo o ano a China já teria comprado 83,2 milhões de toneladas, ou seja, 18% acima do adquirido no mesmo período de 2019, e 8% acima do recorde de 2017.

O principal motivo deste comportamento chinês estaria na recomposição dos plantéis suínos locais, atingidos que foram pela peste suína africana entre 2017 e 2019. Projeta-se que em janeiro próximo os chineses já teriam recuperado 80% deste plantel.

Mas como alertamos aqui, a alta dos preços da soja no mercado mundial também encontra seus limites. Nesse momento, devido a forte dependência das compras chinesas, o limite é o preço que a China pode e quer pagar pela oleaginosa. E, diante de um abastecimento já recorde, os chineses teriam iniciado operações de devolução e/ou renegociação de carregamentos de soja previstos para janeiro, diante dos atuais preços mundiais, os quais vêm reduzindo as margens de esmagamento da indústria moageira chinesa.

Embora o mercado acredite que tal movimento chinês seja temporário, o mesmo é um sinal claro de que Chicago estaria chegando a um limite de preços aceitável para os asiáticos. Obviamente, tais preços dependem também da futura safra sul-americana e seus atuais problemas climáticos em algumas regiões.

Por enquanto, tanto estoques quanto o processamento de soja na China estão em crescimento, fruto das fortes importações feitas nos EUA. No entanto, para 2020/21 há preocupações quanto ao grande volume já vendido da futura produção. Cerca de 70% esperados no Brasil até janeiro, enquanto nos EUA mais de 83%, dos 59,9 milhões de toneladas que se espera exportar da atual safra, já estão comprometidos, enquanto o ano comercial por lá se encerra apenas em 31 de agosto de 2021.

Por outro lado, houve preocupação no mercado quanto a boatos sobre novas tarifas que seriam aplicadas pelo governo dos EUA sobre produtos chineses. A soma de todos estes fatores resultou no primeiro sinal de compras de soja em desaceleração por parte da China após cinco meses de aumento constante nas mesmas. Afinal, para muitos importadores chineses, trazer soja dos EUA nas atuais cotações de Chicago seria perder dinheiro.

Dito isso, por enquanto as exportações estadunidenses de soja avançam bem, com os embarques, na semana encerrada em 19/11, atingindo 2 milhões de toneladas o que elevou o total no ano comercial para 24,4 milhões de toneladas, contra pouco mais de 14 milhões em igual momento do ano anterior.

Já no Brasil, com a manutenção de um câmbio onde o Real se tornou mais valorizado nas duas últimas semanas (R\$ 5,32 por dólar no dia 26/11) e a ausência de produto para exportação, somado ao fato de que as moageiras nacionais já estarem abastecidas até a nova safra, além de começarem a sua natural paralisação de final de ano para a manutenção das máquinas, os preços da soja recuam fortemente, confirmando a tendência que se desenhava. O balcão gaúcho fechou esta semana na média de R\$ 153,41/saco, já perdendo 10 reais por saco em duas semanas. A média nas principais praças gaúchas de referência veio para R\$ 145,00/saco, após o auge de R\$ 163,00 obtidos na semana do 06 ao 12/11. Isso representa um recuo de 18 reais por saco em duas semanas. Nas demais praças nacionais igualmente se registra recuo de preços, com as médias fechando a atual semana nos seguintes valores: R\$ 148,00 a R\$ 149,00 no Paraná; R\$ 164,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 155,0 no CIF Maracaju (MS); R\$ 155,00 igualmente em Rio Verde (GO) e R\$ 160,00/saco em Luís Eduardo Magalhães (BA).

A área semeada no Brasil teria chegado a 81% do esperado no dia 19/11, apesar do atraso no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina devido a seca. Nos demais Estados o mesmo estaria praticamente encerrado, tendo atingido a 97% da área, por exemplo, no Paraná. Porém, chuvas importantes a partir de quarta-feira (25/11) no sul do país deverão acelerar esse plantio na próxima semana. Mesmo assim, os diferentes analistas privados nacionais já estão revisando suas projeções para a futura safra, com recuo no volume final a ser colhido. A maioria já se aproximando de algo ao redor de 132 milhões de toneladas. Isto se a área semeada efetivamente chegar a 38,3 milhões de hectares. (cf. AgRural)

Enfim, quanto às exportações brasileiras de soja, as mesmas diminuíram muito de volume em novembro. No ano passado nesta época as mesmas estavam quase o triplo da média diária que atualmente vem ocorrendo.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, para o primeiro mês em Chicago, após subirem para um nível de US\$ 4,26/bushel durante a semana, acabaram fechando em US\$ 4,20 na quarta-feira (25), véspera do grande feriado de Ação de Graças nos EUA. Com isso, a atual cotação ficou abaixo dos US\$ 4,22/bushel registrados uma semana antes.

Nos EUA, com a colheita encerrada, assim como a da soja, o mercado se volta ao comportamento da demanda. Neste sentido, os embarques de milho, na semana anterior, atingiram a 832.638 toneladas, com o total no atual ano comercial atingindo a 9,2 milhões de toneladas, contra pouco mais de 5 milhões no mesmo período do ano passado.

Um dos grandes compradores de milho tem sido a China, país que importou 1,14 milhão de toneladas do produto estadunidense em outubro, acumulando em todo o ano comercial atual importações de 7,8 milhões de toneladas, ou seja, 97% acima do importado no mesmo período em 2019.

Por sua vez, na Argentina, o Ministério da Agricultura local indicou que a semeadura do milho atingiu a 46% da área total esperada no início da presente semana, ficando no mesmo nível do registrado no ano passado, nesta época. Ou seja, o clima seco em muitas regiões não estaria atrasando o plantio do cereal em termos médios no país. Para driblar a seca, muitos produtores das regiões atingidas estão substituindo o milho precoce pela semeadura do milho tardio. A Argentina deverá plantar 9,45 milhões de hectares de milho neste ano 2020/21, esperando uma colheita ao redor de 50 milhões de toneladas se o clima permitir. No ano anterior a colheita local teria atingido a 58,5 milhões de toneladas, com exportações de 38,5 milhões. Os estoques de passagem para o corrente ano diminuiriam para 3,61 milhões de toneladas os quais, associados a uma menor produção, poderão levar a um aperto na oferta interna do cereal assim como a uma redução em suas exportações em 2020/21.

Já no Brasil, onde as chuvas melhoraram bastante as condições de plantio e desenvolvimento do cereal, com exceção de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o plantio do milho de verão teria atingido a 91% da área esperada no Centro-Sul nacional até o dia 19/11. Por enquanto, a produção inicialmente esperada não irá se confirmar devido as perdas severas nos dois Estados do extremo sul do país, as quais já estão consolidadas mesmo com o retorno das chuvas nesta semana.

Vale destacar igualmente que na maioria das regiões o plantio foi mais tardio, devido à falta de chuvas no início do processo, fato que deverá atrasar a colheita, colocando milho novo no mercado apenas no final de fevereiro. Em função deste atraso, o Paraná projeta um recuo em sua produção de milho verão ao redor de 3% sobre a do ano passado, ficando a mesma em 3,46 milhões de toneladas.

Neste contexto, os preços no mercado brasileiro cederam em algumas regiões e se mantiveram firmes em outras. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 79,90/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços assim ficaram: R\$ 76,00 na região central de Santa Catarina; entre R\$ 69,00 e R\$ 70,00 no Paraná; R\$ 68,00 em Campo Novo do Parecis (MT) e Maracaju (MS); R\$ 80,00 em Itapetininga (SP) e R\$

82,00 no CIF Campinas (SP); e R\$ 66,00/saco nas regiões goianas de Jataí e Rio Verde.

Por sua vez, na B3, os negócios abriram a quinta-feira (26) com preços mais baixos em relação aos registrados uma semana antes, com o contrato janeiro valendo R\$ 79,15/saco; março R\$ 79,05; maio R\$ 74,85; e setembro em R\$ 66,10/saco.

Dito isso, mesmo com a seca o plantio do milho no Rio Grande do Sul teria atingido a 80% da área esperada até o final da semana anterior. O retorno das chuvas na corrente semana deverá levar o plantio para o seu final nos próximos dias. Segundo a Emater local, o Estado já contabilizava 490 comunicações de ocorrência de perdas para cobertura do Proagro naquela oportunidade.

Enquanto isso, no Paraná, com o plantio encerrado, 17% das lavouras estava em floração no início da corrente semana, sendo que 76% das lavouras apresentavam boas condições. Em Santa Catarina, mesmo com o retorno das chuvas em novembro, haverá perdas na produção, sendo que em algumas regiões as mesmas podem ser expressivas. Enfim, em Minas Gerais o plantio chegava a 75% da área, em São Paulo a 55%, em Goiás 40% e na Bahia 11%. (cf. Deral e Conab)

No Rio Grande do Sul as perdas para com o milho, em muitas regiões, são totais e nas demais, com exceções, chegam a 70% das lavouras semeadas. Portanto, o volume a ser colhido no Estado será bem menor do que o normal, levando a maiores importações. Sem falar nas perdas do milho para silagem, que aponta quebra de 70% a 80% na geração de volumoso. Na verdade, somente se salvará o milho irrigado. E a dúvida agora é, com as chuvas desta semana, quantos produtores irão tentar o replantio do cereal.

Por outro lado, em Santa Catarina, as perdas atingem a 700.000 toneladas em relação ao previsto somando milho grão e silagem. Para muitos produtores, a seca vista nesta primavera nunca tinha ocorrido antes nestas dimensões. As perdas médias no Estado estão ao redor de 50% neste momento.

Este quadro poderá manter os preços elevados do milho no Brasil, porém provavelmente menores do que os atualmente praticados quando a safra de verão começar a entrar no mercado, mesmo que venha com tais quebras. Isso porque a tendência é de estoques de passagem maiores do que o previsto devido a exportações que podem não atingir o volume final esperado. Especialmente agora que o câmbio cedeu em torno de 40 centavos de Real por dólar, ocorrendo valorização da moeda nacional.

Assim, em termos de exportação, nos primeiros 14 dias úteis de novembro o Brasil exportou 3,5 milhões de toneladas de milho, contra 5,2 milhões exportadas durante todo o mês de outubro. Desta forma, a média diária de novembro está 3,15% menor do que a média de outubro, porém, se encontra 21,5% acima do registrado em novembro de 2019. O preço médio da tonelada exportada em novembro subiu para US\$ 182,20, ganhando 7,3% sobre o valor de um ano atrás. Por enquanto, a Anec estima exportações totais em novembro ao redor de 5,4 milhões de toneladas. Em isso se confirmando, no total do ano comercial, que se encerra em 31 de janeiro, o país poderá chegar a 35 milhões de toneladas exportadas, contra 42 milhões embarcadas no ano

anterior. Entretanto, a julgar pela média diária, o volume de novembro deverá ficar em 4,9 milhões de toneladas, ou seja, 500.000 toneladas a menos do que a Anec está projetando para o mês.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago chegaram a bater em US\$ 6,11/bushel durante a semana, porém, recuaram para US\$ 5,88 na quarta-feira (25), véspera do feriado de Ação de Graças nos EUA. Com isso, o fechamento da semana ficou abaixo dos US\$ 5,91/bushel registrado uma semana antes.

No cenário internacional, tem-se que o trigo de inverno nos EUA está todo semeado, sendo que no dia 22/11 as condições destas lavouras chegavam a 21% entre ruins a muito ruins, 36% regulares e 43% entre boas a excelentes.

Vale também registrar que a China está importando trigo, situação não muito comum, tendo acumulado no corrente ano um aumento de 164% sobre o total comprado em 2019, atingindo um volume de 4,02 milhões de toneladas no corrente ano.

Já no Brasil, os preços estacionaram e até recuaram, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 73,31/saco, enquanto nas praças de referência gaúchas o saco caiu para R\$ 70,00. No Paraná o produto ficou entre R\$ 74,00 e R\$ 76,00/saco.

A colheita estando finalizada, as atenções se voltam à comercialização do cereal no Brasil. No Paraná, as negociações entre empresas, até o dia 23/11, apontavam um valor de R\$ 1.421,41/tonelada, ou seja, 10,8% acima do registrado em outubro. No Rio Grande do Sul tal média atingia a R\$ 1.438,33/tonelada, com 18,2% acima do registrado em outubro. Com isso, o Estado gaúcho volta a registrar valores superiores aos do Paraná. É um cenário atípico, porém, compreensível diante das maiores perdas ocorridas no Rio Grande do Sul. (cf. Cepea)

Espera-se que parte, mesmo que pequena, das perdas no sul do país sejam compensadas pela produção de trigo nas regiões quentes brasileiras, particularmente no Brasil Central.

Por sua vez, a revalorização do Real deixa o trigo importado um pouco mais barato, fato que ajuda a forçar as baixas nos preços internos. Mesmo assim, a tendência é ainda de preços firmes, mesmo que menores do que os atuais, para o trigo nacional no primeiro semestre de 2021. Não se pode esquecer igualmente que a Argentina também contabiliza perdas expressivas em sua safra atual de trigo (cerca de 5 milhões de toneladas em relação ao previsto inicialmente).

Do ponto de vista da indústria moageira brasileira, a possibilidade de preços elevados no primeiro semestre do próximo ano preocupa, pois a mesma já teria enfrentado um aumento de custos de 60% ao longo de 2020, pela alta da matéria-prima e devido ao câmbio, e que ainda não conseguiu repassar parte destes custos ao consumidor final.